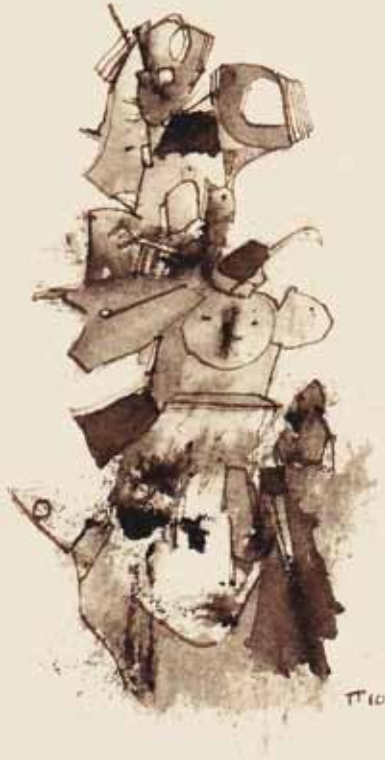
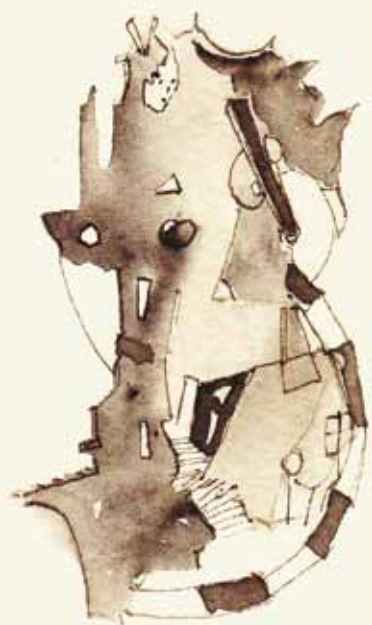


MARIA SOFIA MAGALHÃES



ciclo da pedra



ciclo da pedra

I

Se ficássemos por aqui devagar

Se ficássemos por aqui devagar

Se ficássemos por aqui devagar
como a chuva de Setembro
se ficássemos pelas mãos
de folhas e seda
tal como os medos que escondemos
se ficássemos só pelo olhar
só pela distância de um sinal
se ficássemos apenas nós
sem nos culpar
por nós

se ficássemos pelo que não tivemos
tal como o mundo que movemos
se ficássemos sem o sal
que arde nas feridas que sarámos
se ficássemos apenas nós
até que pudéssemos
ser nós.

Começo pelo trabalho

Começo pelo trabalho mas não sei
o que se passa na terra da fraternidade.
Um dia como os outros talvez mais cedo
mas não sei o que murmura a cidade.
Estico a corda até ao peito
estalo o chicote da memória
mas não sei o que se passou na sombra
das noites que já atravessámos.

Começo pelo calendário
mas não sei quem mais ordena em mim.
Talvez a liberdade.

Mapa

Desenhei um mapa
usando cada momento de dor
como postes vermelhos
cada ruga como estrada
em escala real proporcional
aos desertos em que semeei
areias e ventos.

Desdobrei-o esticando o corpo
mas o mapa apenas indica
a direcção sem destino
que diariamente percorro.

Só agora

Só agora reparo no cansaço
atroz e desumano de perder
todos os dias vontade de abrir
as janelas do carro
de ligar as vozes que esperam
dentro da minha cabeça.

Só agora reparo na disforme
e descarnada memória
que todos os dias me acorda
o brilho novo das ideias
da certeza de me erguer.

Só agora reparo que ainda
faltam muitas perdas
muitas janelas fechadas
muitos sussurros ausentes.
E a estrada que não acaba.

Anos-luz

Entre a luz que vê e a realidade dessa luz
podem passar milhões de anos-luz. Mas a
luz que vê não é menos real. Apenas lhe
aparece com uma constância inversamente
proporcional à distância que as separa.

Entre a vida que tem e a que conhece,
nela e naqueles que abraça, há tantas vidas
como segundos de vida, tantos abraços
como partículas de luz. Apenas lhe sabe ao
gosto de uma parcela de felicidade.

Alçapão

No dia em que perceber onde riscámos
caminhos diferentes
longe dos laços irredutíveis que criámos
no dia em que souber apagar a aridez dos dias
desertando dos ninhos partilhados
das utopias que sonhámos

nesse dia poderei calar esta luz incómoda
que me persegue nos teus olhos
nesse dia poderei fechar definitivamente
o alçapão em que escondi
a minha memória.

Terra

Escavo demoradamente palavras
terra de raízes e pedras.

Cega surda aplicadamente
afundo os olhos pelo silêncio.

Cavo o corpo como a luz
que todos os dias apago.

Passeio

Passeamos pelo lado esquerdo
fintamos os passeios atravessamos asfaltos
olhos de água coração de sementes
passeamos pela solidão de nos querermos
em tanto e tão usado tempo
escorremos pelas mãos sem medo
de nos perdermos.

Inevitável

Vai-se indispondo cada vez mais na solidão, mas
nem sabe os braços que lhe vão faltando, o peso
insustentável dos olhos que se vão baixando, o
frio que se instala devagar e lhe arrepia os lábios,
numa sugestão de sorriso.

Vai-se aconchegando cada vez mais na sua solidão,
esquecendo que a lareira é alimentada pelas vozes
e pelos silêncios da companhia de quem queria, ou
de quem julgava querer.

E são tardes de chumbo, manhãs submersas em
múltiplas caminhadas inúteis, noites entretidas de
nada.

E são inevitáveis como o tempo.

Dúvida

Se te amasse como me perguntas
sem tempo nem lume para mais
que não fosse o infinito abraço com que te olho
se te amasse mesmo que menos
que a dúvida com que olhas esse amor
líquido como o amor que de ti quero
se te amasse o suficiente
para que não perguntasses se te amo
seria certo que te não amava
tão profundamente como te amo.

Olhar

Enchemos as bocas os braços as mãos
de queixas e tempo desocupado.
Deveríamos olhar mais a lua que o chão.

Farto-me do cansaço dos meus próprios passos
farto-me de palavras ruidosas inodoras.
Deveríamos olhar mais a lua que o chão.

Ciclos perpétuos na procura de um passado que nunca morre.
Revisitamos ruínas de papéis, de tecidos engelhados com flores secas,
que se desfazem à menor aragem de novidade.

Refazemos os factos essenciais que de essência são vestidos
pelo olhar de quem muda.

Não há história universal. Há a pequena história que as
correntes individuais somam e reproduzem.

Maria Sofia Magalhães